

Resenha

PINHEIRO, Jorge. *História e religião de Israel: origens e crise do pensamento judaico*. São Paulo: Editora Vida, 2007. 175p.

Sérgio Gonçalves de Amorim*

Este livro se constitui em importante contribuição à pesquisa e ao ensino no campo das Ciências da Religião, na medida em que sistematiza parte significativa da literatura especializada acerca dos estudos bíblicos e do processo histórico de formação do povo judeu e de suas realizações socioculturais, entre estas, sua fundamental contribuição ao surgimento e expansão inicial do cristianismo. Uma análise da historicidade da constituição dos textos sagrados no judaísmo é realizada a partir de um diálogo junto ao cristianismo, problematizando suas origens históricas comuns, visto que parte dos textos sagrados judaicos também compõe o Antigo Testamento na tradição cristã.

Este diálogo entre tradições tão próximas e tão distintas se dá na senda trilhada por Franz Rosenzweig e Martin Buber em torno de uma escola livre de estudos judaicos, chamada *Lehrhaus*, que desenvolveu reflexões acerca de questões de filosofia e política, lei e ética, arte e metafísica, experiência cotidiana com Deus e liberdade pessoal. Tais reflexões problematizavam uma contribuição da teologia judaica ao mundo, qual seja a noção de *revelação*, que forma parte de sua epistemologia, caracterizada por uma interpretação dos textos sagrados a partir das experiências da vida, e destes novamente para a vida. Deste modo, tornando sempre atual e viva uma apreensão dos significados da existência passada geracional, à luz das experiências das gerações do presente, nas diversas construções culturais judaicas ao longo da história. Busca evitar-se neste sentido, o literalmente inverso, em que se corre o sério risco de se negar a própria vida ao tentar amoldá-la a uma interpretação cindida e viciada dos textos e lugares sagrados, tornando-os caricaturais e absolutos em detrimento à plasticidade das experiências de vida. Na *revelação* encontra-se parte significativa do dinamismo que dá vitalidade às expressões da cultura judaica.

* Doutorando em Ciências da Religião pela PUC-SP. Correspondência para/Correspondence to: Sérgio Gonçalves de Amorim, Av. Prestes Maia, 733, 20º andar, Luz, CEP 01031-001, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: <amorimsjc@hotmail.com>.

O autor põe em relevância dois momentos no processo de constituição do pensamento judaico, no que tange às suas origens e crise: a aliança abramica e o conflito à época dos macabeus. Nestes dois momentos a *revelação* se apresenta como fato importante na construção de uma tradição oral e de textos e lugares sagrados, formando em conjunto um suporte à construção social de uma etnicidade viva, de um povo que vai adquirindo ao longo de sua história expressões diversas, mas que se reúnem em torno de tradições constituídas ao longo dos séculos de cultura judaica. De modo dialético, este suporte religioso e étnico do judaísmo se apresenta também como elemento de re-significação do presente, à luz de um passado, de uma memória e de um esquecimento: todo conhecimento é construção social e fruto de um processo histórico, é reinterpretado à luz do presente, e só se disponibiliza enquanto conhecimento, após uma elaboração que passa pela prática, pela vida vivida, de modo que a *revelação* se insere no processo histórico e é re-atualizada a cada presente.

A criação de uma tradição escrita do sagrado e de suas especializações (em termos de lugares sagrados, mas também de objetos sagrados: rolos e pergaminhos que traziam, materializados, a Palavra de Deus) se instituem, segundo o autor, em um momento posterior à aliança abramica. Sobretudo, após períodos de exílio, dando-se em torno de disputas de poder, que teriam sua expressão simbólica e histórica mais significativa na guerra dos macabeus, que marcou uma inflexão a um modelo de pensamento e ação nas comunidades judaicas, caracterizada por se fechar em torno às tradições de um povo único escolhido, em contraste com a universalidade proposta na aliança abramica. Esta tensão viria a ser uma das marcas fundamentais do pensamento e ação das comunidades judaicas desde o século II a.C.

Prevalece nesse processo de inflexão a noção de aliança entre Deus e seu povo e o sentido de salvação e de moral que advém desta aliança, a ser revivida a cada geração em torno à *revelação* através da Palavra de Deus, estabelecido como princípio hermenêutico, vindo a formar um *roteiro de vida*, sobretudo nos momentos mais difíceis da existência.

Apesar do fechamento em torno a tradições de um único povo escolhido, a *revelação* não deve dar-se de modo fechado e absoluto, mas de modo relativo e aberto, no sentido mesmo de escolha e opção de construção histórica, simbolizada na aliança entre Deus e seu povo, e se traduzir em uma *práxis* que

valoriza menos a adoração, a uma intimidade de ‘caminhar juntos e formar juntos, caminhos com Deus’. A terra prometida, componente nesta aliança, realiza uma fusão entre as dimensões míticas e materiais presentes na *revelação* e na aliança.

Esta tendência à particularização de um povo único escolhido e cada vez mais moldado em torno a tradições fechadas é marcada por uma tentativa de afastamento das origens babilônicas e cananeias presentes no judaísmo, e da influência posterior do helenismo. Segundo o autor, esta tendência à particularização de um povo escolhido único conduziu a uma cosmovisão de mundo que teve seus fundamentos na *revelação* e, também, na *escathon*, ensejando toda uma escatologia, desde os profetas até a atualidade, articulando comportamento moral, a noção de salvação e julgamento e danação final. Este componente escatológico se desdobra em visões apocalípticas que, no contexto judaico, se chocariam de antemão à *revelação* como abertura, escolha e liberdade refletida na aliança abramica, reduzindo-a a pré-determinação de fatos e acontecimentos.

À época do helenismo se deu a edição da Septuaginta, tradução para o grego dos Escritos sagrados hebraicos, e que serviu de base a um proselitismo judaico a partir do século II a.C. que se estenderia ao modo de estruturação do cristianismo nos séculos iniciais de nossa era, e que o marca ainda nos dias atuais. Haveria, portanto, uma tensão fundamental na cultura judaica entre um fechamento e uma abertura a outros povos e culturas ao pensamento e práticas do judaísmo, que permeavam a vida das comunidades judaicas à época de Jesus e nos primórdios do cristianismo. A propagação da fé cristã deve ser entendida em sua expressão original e primeira, como um feito da própria cultura judaica, que se com a Septuaginta marcava a cultura helênica, com o cristianismo conformaria definitivamente parte significativa de uma expressão civilizatória no Ocidente.

No entanto, se por um lado a abertura universalizante do cristianismo promovia a aliança abramica, esta abertura se deu em um contexto de elementos de uma tendência separatista e exclusivista estabelecida à época dos macabeus, em torno de noções escatológicas e apocalípticas associadas à recompensa de ressurreição ao fiel e a instituição de uma autoridade restauradora da justiça, o Messias.

Na interpretação do autor, estava formada à época dos macabeus uma base para “um judaísmo do homem comum, cheio de fé na aparição iminente do Messias e na recompensa divina pela ressurreição. Este judaísmo ocupou as ruas, subiu os montes e fugiu para o deserto” (p. 139), abrindo caminhos para a emergência do cristianismo.

Recebido em 04/05/2009, aceito para publicação em 13/09/2010.